

José Luís Lima Garcia, Julião Soares Sousa e Sérgio Neto, *A Guerra e as Guerras Coloniais na África Subsaariana (1914-1974)*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, 293 páginas.



Esta reseña está sujeta a una licencia / Esta recensão está sujeita a uma licença “Creative Commons Reconocimiento-No Comercial” (CC-BY-NC).

DOI: [10.24197/tst.52.2023.107-109](https://doi.org/10.24197/tst.52.2023.107-109)

A Guerra e as Guerras Coloniais na África Subsaariana (1914-1974), coordenado por José Luís Lima Garcia, Julião Soares Sousa e Sérgio Neto, reúne contributos de onze autores, apresentando capítulos em português e em inglês. A obra pretende ter o continente africano como foco para o estudo das duas guerras mundiais e das lutas pelas independências nas colónias portuguesas e na Namíbia. Embora o título remeta para a África subsaariana, a publicação tem, no entanto, um âmbito mais vasto, uma vez que contempla igualmente as metrópoles e a interligação entre os interesses das potências coloniais e a dimensão internacional.

A obra apresenta múltiplos níveis de análise, alternando entre a perspectiva de estados como a África do Sul, Portugal e Reino Unido; de atores não estatais entre os quais o Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e o Automóvel Touring Club de Angola; bem como as experiências particulares, nomeadamente de mulheres e de soldados. Em resultado desta multiplicidade de pontos de vista, o livro integra contributos para áreas tão diversas como a história militar, política, diplomática e administrativa ou os estudos sobre emigração, género, construção da memória, desporto, lazer e turismo.

Relativamente à sua estrutura, *A Guerra e as Guerras Coloniais na África Subsaariana (1914-1974)* tem um encadeamento cronológico, iniciando com capítulos relativos à I Guerra Mundial, seguido de um outro que aborda em conjunto os dois conflitos mundiais. Os restantes capítulos têm como temáticas as guerras pelas independências da Namíbia, Angola e Guiné-Bissau.

Dando centralidade às relações entre a África do Sul, Reino Unido e Portugal, Anne Samson estuda as oportunidades e os desafios da I Guerra Mundial para os objetivos expansionistas sul-africanos, que visavam anexar a colónia alemã do Sudoeste Africano e o porto moçambicano de Lourenço Marques e concretizar o projeto de Cecil Rhodes de ligação entre a Cidade

do Cabo e o Cairo. Mais voltado para a história militar, Vítor Borges detalha as dificuldades da participação do Regimento de Infantaria 14 no confronto com as forças alemãs no sul de Angola. Odete Paiva centra-se no Portugal metropolitano, mais concretamente em Vila Nova de Famalicão, para demonstrar o aumento da emigração ilegal no concelho para o Brasil por parte daqueles que pretendiam fugir ao esforço de guerra português.

Ainda abarcando a vertente metropolitana, Adília Fernandes ressalta o papel das mulheres portuguesas na I Guerra Mundial e as transformações que o conflito teve na redefinição da feminilidade. O capítulo de José Luís Lima Garcia volta a atenção novamente para o continente africano, explicando o reavivar das pretensões sobre as colónias portuguesas no contexto da Conferência de Paz por parte da África do Sul e da Bélgica, bem como o papel de mediador que o Reino Unido procurou desempenhar. O Reino Unido ganha ainda maior destaque no capítulo de Fewzi Borsali, que engloba os dois conflitos mundiais, procurando demonstrar como o Colonial Office teve necessidade de ajustar e reconstruir as relações imperiais e os contributos da Costa do Ouro, Gâmbia, Nigéria e Serra Leoa para a atividade militar britânica em África e na metrópole.

Relativamente ao período das lutas pelas independências, o capítulo de Nils Schliebe aborda as memórias e experiências pessoais de soldados sul-africanos que participaram na guerra na Namíbia e em Angola, centrando-se nos conceitos de *Bosbefok* e *Koevoet* que são utilizados para designar o stress pós-traumático e uma unidade da polícia que se singularizou pela prática de violência contra as populações. Além da Namíbia e Angola, a guerra na Guiné merece destaque por parte de Julião Soares Sousa que apresenta os planos concebidos pelo PAIGC desde o início da luta armada em 1963 para abrir o corredor de Guiledje, que tinha uma importância estratégica para o movimento, o que somente viria a ter lugar em 1973 devido a um conjunto de fatores que são detalhados ao longo do capítulo. Ainda sobre a Guiné, José A. Matos e Matthew M. Hurley estudam a utilização dos mísseis terra-ar Strela-2M de fabrico soviético pelo PAIGC, o que levou à perda da supremacia aérea de Portugal, que foi obrigado a adotar medidas cautelares e a reduzir momentaneamente a sua atividade militar no território.

Afastando-se da história militar, César Rodrigues sublinha a relação entre a política e o desporto ao referir a instrumentalização do futebol pelo Estado Novo durante o período da guerra colonial, assinalando que a imprensa portuguesa utilizou a presença no Sport Lisboa e Benfica e na seleção nacional de jogadores nascidos nas colónias como argumento em favor

da defesa da unidade do império. Com um enfoque semelhante, Pedro Cerdeira estabelece a conexão entre a política, o lazer, sob a forma de automobilismo, e o turismo, analisando o posicionamento do Automóvel Touring Club de Angola em relação à guerra colonial, destacando o discurso e a ação da associação em prol da manutenção da dominação colonial portuguesa.

No seu conjunto, os capítulos fornecem leituras que evidenciam as complexidades subjacentes à experiência do continente africano em alguns dos acontecimentos mais marcantes do século XX: os dois conflitos mundiais e o processo de descolonização no pós-II Guerra Mundial. Não obstante o importante contributo da obra para o alargamento do conhecimento sobre essa experiência, o título não reflete o conteúdo da publicação, uma vez que alguns capítulos não têm o continente africano como objeto de estudo. Nesta situação encontram-se os capítulos de Odete Paiva, que se centra em Vila Nova de Famalicão, e de Adília Fernandes, que se reporta às mulheres residentes no Portugal metropolitano. A presença desses artigos na publicação deveria ter sido justificada pelos coordenadores logo de início, na introdução, de forma a se perceber a coerência do volume.

Por outro lado, a introdução não refere quais os contributos que a obra pretende trazer para a historiografia sobre as guerras mundiais e as guerras coloniais na África subsaariana. A obra foi publicada no seguimento do assinalar do centenário da I Guerra Mundial, em que se assistiu a uma multiplicação de publicações em Portugal sobre o conflito. Do mesmo modo, nos últimos anos tem-se assistido ao aumento das produções académicas sobre as lutas pelas independências nas colónias portuguesas e na Namíbia. Dada esta situação, *A Guerra e as Guerras Coloniais na África Subsaariana (1914-1974)* deveria ter procurado demarcar de forma explícita a sua contribuição historiográfica. Ainda assim, os méritos da obra são inegáveis, pelo que certamente servirá de base para futuras pesquisas académicas, que permitam que o continente africano continue a ser objeto de atenção enquanto campo de estudo historiográfico em Portugal.

AURORA ALMADA E SANTOS

Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas da Universidade NOVA de Lisboa
IN2PAST – Laboratório Associado para a Investigação e Inovação em
Património, Artes, Sustentabilidade e Território
aurorasantos@fcsb.unl.pt